

CONSTRUÇÕES JORNALÍSTICAS ACERCA DO *CACEROLAZO* ARGENTINO E DO PANELAÇO BRASILEIRO QUE COLOCAM EM CIRCULAÇÃO O DISCURSO POPULISTA

Priscila da Silva Marinho¹

UFRJ / PPGLN / CNPQ

RESUMO

Neste artigo, observaremos de que modo os textos jornalísticos, ao (re)criarem, através de narrativas, as manifestações sociopolíticas conhecidas como “cacerolazo”, em 2013, na Argentina, durante o governo de Cristina Kirchner, e “panelaço”, em 2015, no Brasil, durante o governo de Dilma Rousseff, corroboram o processo de expansão discursiva do populismo (LACLAU, 2005 [2013]) que desemboca no que vem sendo compreendido como “populismo digital” (CESARINO, 2018, 2019). Enfatizamos assim, neste estudo, as construções jornalísticas que, ao viabilizarem a veiculação de certos dizeres (e não outros), sob evidência (cf. MARIANI, 2016) de se tratarem apenas de “um relato de fatos”, contribuem para a produção de ilusões de neutralidade e de imparcialidade, favorecendo uma determinação dos sentidos, que se vinculam a dadas formações discursivas (cf. FOUCAULT, 2014 [1969]), marcadas sempre de maneira sócio-histórica. Neste sentido, ao se inscreverem em discursividades do populismo, o discurso jornalístico colabora para a instauração de polaridades e dicotomias no cenário político que contribuíram, como consequência, para o declínio do kirchnerismo, naquela ocasião, em 2015, no contexto argentino, e para o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, no contexto brasileiro. Ressaltamos que nossa investigação se filia a uma abordagem discursiva, tomando como base pressupostos oriundos da Análise de Discurso. No intuito de elucidarmos nosso debate, examinaremos comparativamente algumas manchetes e trechos de reportagens argentinas e brasileiras, disponibilizadas nos *sites* dos jornais *Clarín*, *La Nación*, Folha de São Paulo e O Globo, nas épocas dos eventos mencionados.

Palavras-chave: *Cacerolazo* argentino e panelaço brasileiro, Perspectiva discursiva, Discurso jornalístico, Discurso populista, Mídias digitais.

Introdução

Este artigo apresentará um recorte de análise que faz parte de nossa pesquisa de doutorado intitulada “A perspectiva discursiva na formação de professores: análise de produções escritas de Licenciandos de Letras Português/Espanhol sobre o *cacerolazo* argentino e o panelaço brasileiro”. Com

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos, opção Língua Espanhola, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (PPGLN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista CNPq. E-mail: priscilasilvamarinho@globomail.com



isso, objetivamos investigar os modos de interação de licenciados brasileiros de Espanhol/Língua Estrangeira com os textos jornalísticos produzidos a partir dos contextos sociopolíticos do *cacerolazo* argentino (2013) e do panelaço brasileiro (2015). Para tanto, nosso *corpus* se compõe de produções escritas destes sujeitos cuja finalidade é comparar discursivamente reportagens produzidas nos contextos dos eventos sociopolíticos supracitados.

Sendo assim, neste artigo analisaremos sequências discursivas (SD) relativas a reportagens jornalísticas, observando de que modo tais construções corroboram o processo de expansão discursiva do populismo (LACLAU, 2013 [2005]). Em síntese, lançamos o seguinte questionamento: de que maneira as mídias jornalísticas, na Argentina e no Brasil, ao realizarem críticas aos governos de esquerda, que se filiavam à formação discursiva do populismo, corroboram, contudo, um processo de propagação discursiva do populismo, por meio da reconstrução do político mediante eixos antagônicos que promovem cortes discursivos, materializando um cenário de polaridades?

Aporte teórico

Partindo de uma perspectiva discursiva, propomos um diálogo transdisciplinar entre estudos discursivos e a reflexão laclauiana sobre populismo. Tal noção contemporânea de populismo vem sendo entendida como “populismo algorítmico” (cf. MALY, 2018, 2019) e “populismo digital” (cf. CESARINO, 2018, 2019)².

Para a Análise de Discurso (AD), de extração pechetiana, o sentido é concebido como objeto sócio-histórico. Isso significa compreender as noções de “forma” e “conteúdo” como constitutivamente imbricadas, entendidas como materialidades linguístico-históricas (CELADA E PAYER, 2016). A partir deste pensamento, a neutralidade jornalística, filiada a um discurso de transparência da língua(gem), é compreendida enquanto estratégias enunciativas. O modo como cada jornal constrói reportagens desvela suas vinculações sócio-históricas, atravessadas por distintas e contraditórias formações discursivas (FOUCAULT,

² Para uma reflexão mais desenvolvida desta relação, consultar ANDRADE e MARINHO, 2020.



2014[1969]; SERRANI, 2010), que conduzem os leitores a determinados efeitos de sentido.

O discurso jornalístico, desta maneira, promove a circulação de certos dizeres (e não outros), vinculando a atividade de relatar fatos à ilusão de neutralidade, imparcialidade e objetividade, mediante a materialização de certos enunciados. Este efeito de ilusão é concebido enquanto “evidências discursivas” (cf. MARIANI, 2016), que atuando sob a regularização dos sentidos, contribuem para a geração de ilusões de naturalidade, originalidade, daquilo que é “familiar” e “evidente” e que, portanto, “só pode ser dito de tal maneira”. As evidências favorecem, assim, a produção de estereótipias, construções imaginárias e idealizações que se consolidam em dada prática discursiva.

O discurso jornalístico é enunciado sempre a partir de uma determinada posição discursiva, se caracterizando como um gesto de interpretação, que se assenta sob um imaginário já estabelecido. O próprio processo de relatar e reportar fatos já desempenha certa determinação dos sentidos e se inscreve em dadas práticas discursivas marcadas de maneira sócio-histórica.

Passando ao estudo sobre populismo, de acordo com a perspectiva desenvolvida em Laclau ([2005], 2013), o populismo é um modo de construir o político. Para tanto, se alicerça uma dada estrutura discursiva, que acaba por promover um eixo antagônico. Tal eixo antagônico, entendido como um corte discursivo, materializa determinadas dicotomias e polaridades, que podemos formular mediante expressões, tais como, “Nós *versus* eles” e “Povo *versus* inimigo”.

A categoria povo emerge, assim, enquanto um amálgama de identidades coletivas. Ademais, elencamos outras noções trabalhadas pelo pensador que se referem à demanda social e à demanda hegemônica. A demanda social pode ser compreendida como uma reivindicação. É a partir da articulação de uma pluralidade de demandas (reivindicações) que a categoria povo se constitui. Dentre o conjunto de demandas articuladas, destaca-se a demanda hegemônica. A demanda hegemônica remete, assim, àquela cuja escolha passa a representar “todo” o discurso popular. Em síntese, a demanda hegemônica é aquela que é elevada à representação de “um todo”, contribuindo para a fabricação do efeito ilusório de unidade e completude.



No que tange às condições de produção dos discursos, as reportagens focalizadas se inserem no contexto do *cacerolazo* argentino (2013) e do painelço brasileiro (2015). Tais eventos são entendidos como a ação de bater panelas pública e coletivamente (cf. COLOMBO E MARTELLI, 2015) e surgem no Chile, em 1971, vindo a difundir logo após pela América do Sul (cf. BETENCOURT, 2014).

Na Argentina, os *cacerolazos* se fazem presentes nos anos de 1970, simbolizando protestos em prol da democracia no contexto da ditadura militar. Já nos anos 2000, os *cacerolazos* representavam as panelas vazias no contexto do *corralito* do governo De La Rúa. Durante a era kirchnerista, nos anos de 2010, sobretudo no cenário de 2013, a ação de bater panelas surge alinhada aos protestos das classes média e alta, a partir de denúncias de corrupção, bem como inflação, conformando, assim, um clima de polaridade, materializado na formulação “*los K versus antiK*”.

No Brasil, os painelços irrompem nos anos de 1980, designando as manifestações em prol da democracia no contexto da redemocratização, materializado no enunciado “Diretas-Já!”. Nos anos de 1990, a partir de 1992, a ação de bater panelas se apresenta em meio às denúncias de corrupção no cenário de *impeachment* de Collor. Já nos anos de 2010, por sua vez, no contexto de governo petista de Dilma Rousseff, principalmente em 2015, surgem novas ondas de painelços, vinculados aos protestos das classes médias, que podem ser materializados no enunciado “elite branca”, a partir de pautas contra a corrupção e inflação, configurando um perfil de antipetismo (polaridade PT *versus* antiPT).

Ressaltamos que entendemos estes eventos como práticas discursivas que se imiscuem à memória – argentina e brasileira – se filiando a distintas e contraditórias formações discursivas e gerando, assim, diferentes efeitos de sentido.

Análises

Exibimos trechos de periódicos argentinos (*Clarín* e *La Nación*) e brasileiros (Folha de São Paulo e O Globo), disponibilizados em plataformas *online*, que (re)criam as manifestações públicas ocorridas na forma de *cacerolazos*, durante o governo de Cristina Kirchner entre o segundo semestre de 2012 e o primeiro de



2013, e de painéis, durante o governo de Dilma Rousseff, no primeiro semestre de 2015. Vejamos as seqüências discursivas (SD) seguintes relativas ao contexto argentino:

(SD1) “Seguridad, libertad y justicia”, los principales reclamos de **la gente**

Estamos reclamando por la inseguridad y por la inflación que el Gobierno ni menciona”, sostuvo uno de los manifestantes. “**Acá no hay partidismo ni intereses. Este es el pueblo, el verdadero.** El que quiere la verdad y que se cumplan las leyes y haya Justicia. Y que no nos mientan más”, reclamó otra mujer (*Clarín, 14/09/12 – grifos nossos*).

(SD2) Marchas, reclamos y acciones activan la participación social

Las masivas movilizaciones de protesta, el rechazo a la reforma judicial y la indignación ante **la corrupción** encendieron a las clases medias urbanas (...) El 24 de abril pasado, **cientos de personas se manifestaron espontáneamente** frente al Congreso, mientras los legisladores votaban (*Clarín, 02/06/13 – grifos nossos*).

Nos fragmentos exhibidos acima, podemos perceber a construção de narrativas jornalísticas, que são atravessadas pelo discurso populista. Com isso, os significantes “la gente” e “el pueblo” materializam a construção de um povo, unificando as “decenas de miles de personas”. Além disso, há a promoção de um corte discursivo que materializa o enunciado dicotômico “povo *versus* inimigo” através da formulação “povo *versus* governo (institucionalizado)”.

Podemos notar que nas formulações “Acá no hay partidismo ni intereses. Este es el pueblo, el verdadero”, na SD1, o ecoar de um não-dito, que pressupõe a existência de um povo “não verdadeiro”, que, assim, estaria vinculado a práticas assistencialistas, filiadas a partidos políticos populistas. Na memória argentina, este não-dito permite-nos recuperar enunciados já-ditos que remetem ao partido peronista (Partido Justicialista) que em seus comícios costuma atrair a população (sobretudo as de rendas mais baixas) mediante distribuição de mantimentos e refeições, como os conhecidos tíquetes distribuídos gratuitamente nos atos kirchneristas (“vale por un choripan y un vaso de coca/ un vaso de manaos”) que concedem um lanche, composto de um sanduíche e um copo de refrigerante, aos argentinos que comparecem às manifestações do partido na *Plaza de Mayo*. Assim, este “povo”, caracterizado de maneira vaga e indeterminada, se significa como



“verdadeiro”, desvinculando-se dessa cadeia parafrástica do populismo kirchnerista e se filiando, por sua vez, a uma noção de “não interesse” e “não partidarismo”, conduzindo a um efeito de sentido de “espontaneidade”. Tal efeito de sentido produz a evidência de uma manifestação sem interesses partidários, em que o povo realiza uma autorrepresentação sem se vincular (diretamente) a partidos políticos. Percebemos ainda que o enunciado “la corrupción” aponta a demanda que funciona como a hegemônica, unificando todos os manifestantes.

Observemos por ora sequências relativas ao contexto brasileiro:

(SD3) **Indignação com a corrupção** foi motivação para maioria nas ruas

Cerca de 543 mil foram às ruas em 24 capitais e no Distrito Federal, segundo a Polícia Militar; **São Paulo reuniu 100 mil na av. Paulista**, aponta o Datafolha (*Folha de S. Paulo, 15/03/2015 – grifos nossos*).

(SD4) **Irritação com corrupção** foi motivação para maioria

O impeachment da presidente Dilma Rousseff conta com o apoio de 77% das 100 mil pessoas que estiveram neste domingo (12) na avenida Paulista(...) O motivo mais citado por eles para ir à Paulista foi indignação com **a corrupção** (...) Moradoras da Vila Carrão, na Zona Leste, pegaram ônibus e metrô para participar do protesto. “Sou eleitora, quero continuar votando e para isso é preciso **limpar a política**”, diz Maria Luiza (...) Quase 80% dos manifestantes têm ensino superior, (...) No segundo turno da última eleição presidencial, 83% declaram ter votado em Aécio Neves (PSDB) e só 3% em Dilma. Apesar disso, 95% afirmaram **não serem filiados a nenhum partido** (*Folha de S. Paulo, 13/04/2015 – grifos nossos*).

Nos trechos exibidos, podemos notar o delineamento de uma fronteira antagônica que promove sempre um corte discursivo entre o “povo” e o “seu inimigo”, isto é, o povo *versus* o governo vigente. O enunciados “corrupção” e “limpar a política” conduzem aos efeitos metafóricos de povo (“justo”), recriado como “limpeza”, *versus* governo (“corrupto”), associado à ideia de “sujeira”. Ademais, podemos observar a descrição de um perfil que denota a classe média [“Quase 80% dos manifestantes têm ensino superior, (...) No segundo turno da última eleição presidencial, 83% declaram ter votado em Aécio Neves (PSDB) e só 3% em Dilma”], na SD4. Tal parcela da sociedade, contudo, é construída discursivamente como “povo”, gerando um efeito de sentido de completude, ao se representar os manifestantes como se fossem a sociedade “como um todo”.



Também há a produção da evidência de espontaneidade dos protestos, por meio da argumentação – escolhida para o final da narrativa – que se refere à não existência de interesses partidários. Tal enunciado se materializa mediante a formulação “[os manifestantes afirmaram] não serem filiados a nenhum partido”.

Visualizemos as SDs seguintes, que aludem à presença ou ausência de políticos de oposição nas manifestações argentina e brasileira:

(SD5): Macri y el 18A: “Estoy del lado correcto”

El jefe de gobierno porteño explicó las razones de su ausencia en la marcha, que calificó como “la más grande de la historia”

El jefe de gobierno porteño, Mauricio Macri, explicó las razones de su ausencia en la multitudinaria protesta de ayer en Buenos Aires y confió en los efectos que el cacerolazo tendrá de cara a las elecciones legislativas de octubre. “Fue la marcha más grande de la historia”, señaló. En diálogo con radio Metro, el líder del Pro dijo que le dio libertad a los miembros de su partido para que hagan lo que quieran, pero que prefirió no asistir personalmente a la manifestación. **“Si yo iba a participar, era apropiarme de algo que yo no convoqué. Esto lo convocó espontáneamente la gente. Yo los alenté para que vayan”**, sostuvo. *(La Nación, 19/04/13 – grifos nossos)*

(SD6): Eduardo e Jair Bolsonaro fazem 'selfies' e distribuem abraços em SP

O deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSCSP) e o pai, o também deputado Jair Bolsonaro (PPRJ), foram tratados como celebridades durante a manifestação deste domingo (12), em São Paulo. Uma fila para 'selfies' e abraços ao lado de pai e filho foi formada em frente ao carro de som do grupo Revoltados Online. **“Nós temos orgulho de dizer que somos deputados federais e podemos sair nas ruas para estar com o povo cara a cara. Quem não deve não teme”**, afirmou Eduardo Bolsonaro. *(Folha de S. Paulo, 12/04/15 – grifos nossos)*

Os trechos acima ilustram a presença (e/ou ausência) de políticos da oposição nas manifestações, como Mauricio Macri, então prefeito de Buenos Aires, e Jair Bolsonaro, então deputado federal. Tais políticos, em meio ao cenário de polarização política, representam as vitórias presidenciais dos discursos do antikirchnerismo e do antipetismo, respectivamente. Quanto à mobilização da figura do líder populista, no contexto argentino, percebemos que Macri não encarna completamente, ao se ausentar fisicamente das manifestações, delegando protagonismo ao povo e, filiando-se, assim, ao discurso de manifestações espontâneas, que foram convocadas por “la gente”, embora tenha promovido uma mobilização em direção às mesmas em ambiente digital. Já no contexto brasileiro, Bolsonaro comparece fisicamente às manifestações, além de “distribuir *selfies* e



abraços”, inscrevendo-se na prática discursiva populista que vincula líderes carismáticos ao *status* de celebridades que gozam de popularidade.

Como último movimento analítico, destacamos os posicionamentos das presidentas – Cristina Kirchner e Dilma Rousseff –, recriados pelas reportagens jornalísticas, no tocante ao *cacerolazo* e ao panelaço:

(SD7) Cristina Kirchner criticó la protesta del 18A contra la reforma judicial

"Los que estaban en contra de las 6 leyes de reforma judicial que enviamos al Congreso. De las 6. Qué raro. ¿Ni una sola les gusta?", escribió en Twitter.

(...) El otro día volviendo de Venezuela (...) alguien me acercó imágenes de la manifestación frente ao Congreso. **Son los que estaban en contra de las 6 leyes** de reforma judicial que enviamos al Congreso. De las 6. **Que raró. ¿Ni una sola les gusta?"** escribió la mandataria en tres tuits seguidos (*La Nación*, 27/04/2013 – *grifos nossos*).

(SD8) Cristina formuló una dura crítica al 18A

Señaló por Twitter que "algunos no creen que la democracia sea el mejor sistema" (...) "Lo que pasa es que **para algunos** el problema no es ser de Pro, radical, peronista o socialista, el problema lo tienen con la política (...) En el fondo cuando los raspás un poquito, **no creen que la democracia sea el mejor sistema. Añoran otros tiempos** (*La Nación*, 28/04/2013 – *grifos nossos*).

(SD9) Após panelaço, Planalto tenta desvincular PT de Dilma

(...) Eu já disse várias vezes que é normal no Brasil [*as manifestações*]. Em alguns outros países, manifestações, assumindo a forma de panelaço ou qualquer outra forma, não são consideradas normais. No Brasil, elas são normais, porque **nós construímos a democracia**. Então, respeitar a manifestação livre das pessoas é algo que conquistamos a duras penas. Eu vejo como mais **uma manifestação de uma posição diferente da outra** (*O Globo*, 06/05/2015 – *grifos nossos*).

(SD10) Dilma diz que é preciso haver razão para um pedido de impeachment

(...) Eu acredito que o Brasil tem uma característica que julgo muito importante e que todos nós temos de valorizar que é o fato de que aqui **as pessoas podem se manifestar**, têm espaço para isso e têm direito a isso. Eu sou de uma época em que, se a gente se manifestasse ou fizesse alguma coisa, acabava na cadeia, podia ser torturado ou morto. O fato de o Brasil evoluir, passar pela Constituinte de 88, passar pelo **processo democrático** e garantir o direito de manifestação é algo absolutamente valorizado por todos nós, que **chegamos a democracia e temos de conviver com as diferenças**, com as manifestações (...) (*O Globo*, 09/03/2015 – *grifos nossos*).

Por meio dos fragmentos expostos, podemos perceber que o enunciado “democracia” assume diferentes efeitos de sentido. No contexto argentino, as falas de Cristina Kirchner recriam as manifestações não como do “povo”, mas



protagonizadas por setores que não respeitam a democracia. Sendo assim, há inscrição em uma formação discursiva que remete ao primeiro peronismo, materializando um tom irônico e confrontador da presidenta, por meio da pergunta retórica “Que raro. ¿Ni una sola les gusta?”, na SD7. Além disso, o enunciado “algunos que no creen que la democracia sea el mejor sistema”, na SD8, se vincula a um discurso populista por meio do estabelecimento de um corte discursivo, que materializa a relação polarizada “Nós *versus* eles”, isto é, “povo *versus* inimigos da pátria/oligarquia”. Deste modo, a manifestação adquire um efeito de sentido conservador, sendo realizada pelos que “añoran otros tiempos”, que resgata a memória de ditaduras militares e governos oligárquicos, filiando-se a uma formação discursiva de antidemocracia. Podemos ainda considerar que tal movimento discursivo se inscreve em uma formação discursiva de abrupção (cf. SERRANI, 2010) que estabelece assim a enunciação da crítica mediante enunciados categóricos e diretos, sem inferências, expressões elogiosas e/ou atenuantes no modo de enunciar.

No tocante ao contexto brasileiro, por sua vez, as falas de Dilma Rousseff constroem as manifestações como asseguradas pela democracia, conforme podemos notar no enunciado “respeitar a manifestação livre das pessoas é algo que conquistamos a duras penas”, na SD9. Desta maneira, há filiação à cadeia discursiva do lulismo, que, enquanto retomador da memória do varguismo, se vincula a uma formação discursiva de conciliação de classes, materializando um tom ameno e amistoso no modo de enunciar. Assim, simultaneamente à sinalização das diferenças (“chegamos à democracia e temos que conviver com as diferenças”, na SD10), promove-se um efeito de sentido de unidade, de conciliação discursiva. Tal movimento do discurso parece se inscrever em uma formação discursiva de transição enunciativa (cf. SERRANI, 2010) que costuma formular a crítica a partir de movimentos e transições no ato enunciativo, materializando uma crítica que não é direta e que se apreende por meio de inferências, atenuações no modo de dizer e mesmo adjetivações elogiosas.

Diante do exposto, podemos pensar diferentes funcionamentos discursivos entre os contextos argentino e brasileiro. Na Argentina, a oposição antikirchnerista, apesar da vitória nas eleições de 2015, não parece ter construído discursivamente uma figura de líder capaz de deslocar polissemicamente a cadeia



parafrástica solidificada do kirchnerismo na memória do populismo argentino. Já no Brasil, o governo Dilma parece ter sido atravessado pela memória do lulismo – marcado pela figura carismática do ex-presidente Lula – retomando-o enquanto cadeia estabilizada do dizível. Contudo, a ausência de líder, deixada pelo lulismo, desemboca na emergência do bolsonarismo que, propulsado pelo clima de antipetismo, desliza o sentido de líder populista para um “populismo de direita”, profundamente alinhado a discursividades religiosas, moralistas, conservadoras, ditatoriais e bélicas.

Considerações finais

Entendemos, a partir da análise discursiva exposta, que as mídias jornalísticas, ao criticarem governos de esquerda atravessados pela discursividade do populismo, construíram, entretanto, abordagens ancoradas em mecanismos populistas que colocam em circulação a figura de um povo unificado *versus* um governo inimigo. Tal lógica do pensamento populista, propagada em ambiente digital, logrou efeitos consideráveis que acabaram por contribuir para a instalação de um cenário polarizado propiciando a derrocada do *kirchnerismo*, através da vitória presidencial de Mauricio Macri, em 2015, no contexto argentino, e no contexto brasileiro, o *impeachment* de Dilma Rousseff, em 2016 e a emergência do bolsonarismo, em 2018.

Na América Latina, o populismo está ligado a uma memória discursiva que remete à ascensão de regimes de esquerda. No entanto, o fenômeno, para além de ser contemplado tão-somente como filiado a uma dada ideologia política, deve ser pensado, mais amplamente, como uma discursividade própria para a construção do político, que engendra determinados padrões discursivos (e, quando relacionada às mídias digitais, transforma-se num tipo particular: o populismo digital).

Por meio deste pensamento, concordamos que o discurso populista pode se vincular a diferentes formações discursivas – enquanto regiões do interdiscurso que são tensivas e contraditórias – inclusive as de cunho neoliberal e de extrema-direita, como observamos no cenário argentino do macrismo e no brasileiro do bolsonarismo.



Referências

ANDRADE, A.; MARINHO, P. Discurso populista em construções jornalísticas acerca do *cacerolazo* argentino e do panelaço brasileiro. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, UNICAMP: Campinas, vol. 59, n.2, Agosto, p.1087-1116, 2020.

BETENCOURT, P. R. *Memórias dos Cacerolazos: cartografia de forças não sonoras se tornando sonoras*. 2014. 160f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, USP, São Paulo, 2014.

CELADA, M. T.; PAYER, M. O. Sobre sujeitos, língua(s), ensino. Notas para uma agenda. In: CELADA, M. T.; PAYER, M. O. (Org.). *Subjetivação e processos de identificação. Sujeitos e línguas em práticas discursivas – inflexões no ensino*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

CESARINO, L. On Digital Populism in Brazil. *PoLAR: Political and Legal Anthropology Review*, 2018.

----- . *Entrevista à Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, 2019.

COLOMBO, L. A.; MARTELLI, C. G. G. O panelaço em perspectiva comparada: análise do fenômeno no Brasil e na Argentina. *Anais do 39º Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu/MG, 2015.

FOUCAULT, M. (1969). *A arqueologia do saber*. 8ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

LACLAU, E. (2005). *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

MALY, I. Populism as a mediatized communicative relation: The birth of algorithmic populism. *Tilburg Papers in Culture Studies*, nº 213, 2018.

----- . Algorithmic populism and algorithmic activism. *Diggit Magazine*, 2019.

MARIANI, B. O político, o institucional e o pedagógico: quanto vale a língua que ensinamos?, *Matraga*, n.38, v. 23, Rio de Janeiro: jan/jun. 2016, p.43-63.

SERRANI, S. *Discurso e cultura na aula de língua*. Campinas: Pontes, 2010.

Fontes jornalísticas consultadas:

“Seguridad, libertad y justicia”, los principales reclamos de la gente (*Clarín*, 14/09/2012)

<https://drive.google.com/file/d/15iBEuDNJGuOCqjACLWhMkXD_f0fPDyow/view?usp=sharing>

Marchas, reclamos y acciones activan la participación social (*Clarín*, 02/06/2013)



<<https://drive.google.com/file/d/1igviQJ8AfRtDZ68sa3PyeDg22Wh50Drd/view?usp=sharing>>

Macri y el 18A: “Estoy del lado correcto” (*La Nación*, 19/04/2013)

<https://drive.google.com/file/d/19LQjelCb8I2i7HJFMO_ZMMPb3aikeFcO/view?usp=sharing>

Cristina Kirchner criticó la protesta del 18A contra la reforma judicial (*La Nación*, 27/04/2013)

<https://drive.google.com/file/d/1JDjk2k_3tppdbPVQ9jaJQQHxC0-12mZI/view?usp=sharing>

Cristina formuló una dura crítica al 18-A (*La Nación*, 28/04/2013)

<<https://drive.google.com/file/d/1goR5AlmZYrA5GyPRWmsCselh1QOIEbOT/view?usp=sharing>>

Indignação com a corrupção foi motivação para maioria nas ruas (*Folha de S. Paulo*, 15/03/2015)

<<https://drive.google.com/file/d/1batimH0fiXAsBnwwHABsTMzUK-48pjMe/view?usp=sharing>>

Irritação com corrupção foi motivação para maioria (*Folha de S. Paulo*, 13/04/2015)

<<https://drive.google.com/file/d/1sSB2hfrkmRpC84-Y2jO5g8KWgMe3wSKj/view?usp=sharing>>

Eduardo e Jair Bolsonaro fazem “selfies” e distribuem abraços em SP (*Folha de S. Paulo*, 12/04/2015)

<<https://drive.google.com/file/d/1UYcjOlskEYgYaGx9dtXuIhp6dmaCEGIF/view?usp=sharing>>

Após panelaço, Planalto tenta desvincular PT de Dilma (*O Globo*, 06/05/2015)

<<https://drive.google.com/file/d/1oAMex1ny9mSFIRDk9hHx5Alfk4wC0345/view?usp=sharing>>

Dilma diz que é preciso haver razão para um pedido de impeachment (*O Globo*, 09/03/2015)

<<https://drive.google.com/file/d/1epyX0kKT0nK7VIFt3pHginh5mk17ZLac/view?usp=sharing>>

